

FERRAMENTAS DE IA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: ENTRE APOIO PEDAGÓGICO E RISCOS DE DEPENDÊNCIA INTELLECTUAL

*AI TOOLS IN SCIENTIFIC PRODUCTION: BETWEEN PEDAGOGICAL SUPPORT AND RISKS OF
INTELLECTUAL DEPENDENCY*

Valdete Gonçalves da Silva Bastos

American University Saint Joseph, Estados Unidos

Joselaine de Fátima Alves Paes

MUST University, Estados Unidos

Cinthya Caiçara de Meneses

MUST University, Estados Unidos

Lidiane Santos Moreira de Jesus

MUST University, Estados Unidos

Endrigo Geines Berna Santiago

MUST University, Estados Unidos

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/k71y6621>

Aceito em: 23.07.2026

Resumo: Entre o auxílio tecnológico e o risco de delegação intelectual, este artigo teve como objetivo analisar o uso de ferramentas de IA generativa na produção acadêmica, considerando sua função como apoio pedagógico e seus riscos para a autonomia intelectual. O estudo abordou a inserção desses recursos digitais no trabalho universitário, com atenção à mediação docente, à autoria discente e à aprendizagem crítica. A pesquisa adotou metodologia bibliográfica, de abordagem qualitativa, baseada na seleção e interpretação de artigos científicos recentes em língua portuguesa. Os resultados indicaram que tais ferramentas puderam auxiliar na revisão, na organização de ideias e no levantamento preliminar de informações, desde que utilizadas com supervisão crítica e validação humana. Contudo, verificou-se que o uso acrítico pôde favorecer passividade, plágio, reprodução de respostas automatizadas e redução do esforço interpretativo. Concluiu-se que a IA generativa não deveria ocupar o lugar da elaboração humana, mas funcionar como recurso auxiliar condicionado à mediação pedagógica, à verificação das fontes e à responsabilidade sobre o conteúdo produzido.

Palavras-chave: Cognição; Mediação; Autoria; Aprendizagem; Dependência.

Abstract: Between technological support and the risk of intellectual delegation, this article aimed to analyze the use of generative AI tools in academic production, considering their role as pedagogical support and their risks to intellectual autonomy. The study addressed the inclusion of these digital resources in university work, with attention to teacher mediation, student authorship, and critical learning. The research adopted a bibliographic methodology, with a qualitative approach, based on the selection and interpretation of recent scientific articles in Portuguese. The results indicated that such tools could assist with revision, idea organization, and preliminary information gathering, provided they were used with critical supervision and human validation. However, it was found that uncritical use could favor passivity, plagiarism, reproduction of automated responses, and reduction of interpretive effort. It was concluded that generative AI should not take the place of human elaboration, but rather function as an auxiliary resource conditioned by pedagogical mediation, source verification, and responsibility for the content produced.

Keywords: Cognition; Mediation; Authorship; Learning; Dependence.

Introdução

O uso de ferramentas de IA generativa na formação universitária passou a ocupar lugar relevante nas discussões sobre aprendizagem, autoria e responsabilidade discente. No campo da produção acadêmica, tais recursos foram utilizados para organizar ideias, revisar textos, sugerir caminhos argumentativos e apoiar buscas preliminares. Entretanto, também suscitaram questionamentos sobre o enfraquecimento da autonomia intelectual, sobretudo quando empregados como substitutos da leitura, da análise e da elaboração própria.

O tema foi delimitado na relação entre IA generativa, apoio pedagógico e riscos de dependência intelectual na escrita acadêmica. A investigação concentrou-se no uso dessas ferramentas por estudantes universitários, considerando seus efeitos sobre autoria, mediação docente, aprendizagem crítica e participação ativa no processo formativo. Assim, o estudo não tratou da tecnologia em perspectiva técnica, mas de suas consequências educacionais e acadêmicas.

A escolha do tema justifica-se pela expansão do uso de sistemas generativos em atividades de estudo, pesquisa e produção textual. Essa presença tornou necessário examinar se tais ferramentas favoreceram práticas formativas ou se estimularam a transferência do esforço intelectual para respostas automatizadas. A motivação da pesquisa esteve, portanto, na necessidade de compreender os limites entre apoio pedagógico, uso responsável e dependência cognitiva.

A questão norteadora foi definida nos seguintes termos: ‘Como as ferramentas de IA generativa podem atuar como apoio pedagógico na produção acadêmica sem comprometer a autonomia intelectual dos estudantes universitários?’ Essa pergunta

orientou a seleção dos referenciais teóricos e permitiu relacionar o uso da tecnologia à mediação docente, à autoria discente e aos riscos de passividade intelectual.

O objetivo geral consistiu em analisar o uso de ferramentas de IA generativa na produção acadêmica, considerando sua função como apoio pedagógico e seus riscos para a autonomia intelectual. Como objetivos específicos, buscou-se discutir a relação entre IA e escrita acadêmica, examinar o papel da mediação docente no uso dessas ferramentas e identificar riscos de dependência intelectual entre estudantes universitários.

A metodologia adotada foi bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo. O levantamento foi realizado por meio de artigos científicos recentes, selecionados a partir de critérios de pertinência temática, recorte temporal, disponibilidade integral e relação com educação universitária. As palavras-chave utilizadas foram ‘ferramentas generativas na educação’, ‘autonomia discente’, ‘dependência cognitiva’, ‘mediação docente’, ‘aprendizagem crítica’ e ‘autoria estudantil’.

O *Google Acadêmico* foi utilizado como base de busca por reunir publicações científicas, trabalhos disponíveis em periódicos, repositórios institucionais, dissertações, teses e livros acadêmicos. Essa plataforma auxiliou na localização de textos em língua portuguesa, com acesso integral e relação direta com o recorte proposto. Após a seleção, os materiais foram lidos, comparados e organizados conforme os eixos temáticos do artigo.

O referencial teórico foi composto por estudos recentes que discutiram a relação entre ferramentas generativas, formação acadêmica, autonomia discente e mediação pedagógica. Arrabal e França (2025) fundamentaram a análise sobre autonomia cognitiva, metacognição e dependência tecnológica. Tayar e Batista (2025) contribuíram para a discussão sobre educação crítica, intencionalidade pedagógica e participação ativa dos estudantes. Junqueira (2025) ofereceu subsídios sobre o uso da IA generativa por universitários no contexto dos multiletramentos. Rodrigues e Rodrigues (2023), por sua vez, auxiliaram na compreensão do *ChatGPT* como desafio para a autoria, a criatividade e o desenvolvimento crítico no ensino.

O artigo foi estruturado nos capítulos ‘Autonomia intelectual e uso de IA generativa na escrita acadêmica’, ‘IA como apoio pedagógico: mediação docente, aprendizagem crítica e limites do uso automatizado’ e ‘Riscos de dependência intelectual no uso de IA por estudantes universitários’. Em seguida, apresentou-se a ‘Metodologia’, os ‘Resultados e discussões’ e a ‘Conclusão’, com retomada dos objetivos, síntese dos achados e sugestões para pesquisas futuras.

Metodologia

A investigação foi estruturada como estudo bibliográfico, com abordagem qualitativa e finalidade analítico-interpretativa. Esse percurso foi escolhido por permitir o

exame de publicações já disponíveis sobre ferramentas generativas, formação universitária, autoria discente, mediação pedagógica e riscos de dependência cognitiva. Conforme Narciso e Santana (2025), a pesquisa bibliográfica é adequada quando se pretende analisar criticamente contribuições teóricas já produzidas no campo educacional.

O levantamento bibliográfico contribuiu para atingir os objetivos do artigo ao fornecer base conceitual para compreender como os sistemas generativos podem funcionar como apoio pedagógico e, ao mesmo tempo, produzir riscos de passividade intelectual. A partir dessa estratégia, foi possível comparar autores, identificar aproximações teóricas e examinar contrapontos sobre autonomia, mediação docente, aprendizagem crítica e uso automatizado de ferramentas digitais.

A pesquisa seguiu etapas sucessivas. Primeiro, delimitou-se o problema de investigação, centrado na relação entre ferramentas generativas e formação intelectual dos estudantes. Em seguida, foram definidas palavras-chave compatíveis com o tema. Depois, realizou-se o levantamento dos materiais, a seleção dos textos mais pertinentes, a leitura analítica dos artigos e a organização das ideias em eixos temáticos. Por fim, os referenciais foram articulados na discussão.

As ideias de Narciso e Santana (2025) foram aplicadas durante a formação do artigo porque orientaram a escolha da pesquisa bibliográfica como procedimento principal. Para esses autores, esse tipo de estudo trabalha com fontes teóricas já estruturadas e permite refletir criticamente sobre determinado tema. No presente trabalho, essa orientação foi utilizada para examinar publicações científicas recentes e relacioná-las ao problema investigado.

A busca dos materiais foi realizada no *Google Acadêmico*, ferramenta gratuita que reúne produções disponíveis em revistas científicas, repositórios institucionais, livros, dissertações e teses. Sua função foi localizar estudos em língua portuguesa relacionados ao tema da pesquisa, permitindo acesso a textos completos e recentes. A escolha dessa base ocorreu por sua amplitude de resultados e pela possibilidade de identificar publicações vinculadas à educação e às tecnologias digitais.

Foram utilizadas combinações simples de palavras-chave, com o objetivo de evitar termos excessivamente amplos ou pouco precisos. As expressões pesquisadas foram ‘ferramentas generativas na educação’, ‘autonomia discente’, ‘dependência cognitiva’, ‘mediação docente’, ‘uso pedagógico de sistemas digitais’, ‘autoria estudantil’, ‘aprendizagem crítica’ e ‘formação universitária’. Essas combinações permitiram localizar textos relacionados ao apoio pedagógico e aos limites do uso automatizado.

Os critérios de inclusão consideraram publicações entre 2023 e 2025, textos em português, disponibilidade integral, autoria identificada e pertinência com o recorte do estudo. Também foram priorizados artigos que discutissem formação de estudantes, mediação do professor, autoria, pensamento crítico e riscos de uso dependente de

ferramentas digitais. Foram excluídos materiais opinativos, textos sem base científica, publicações duplicadas e estudos voltados apenas à dimensão técnica dos sistemas computacionais.

Após a seleção, os materiais foram submetidos à leitura exploratória, seletiva e interpretativa. Na leitura exploratória, verificou-se a relação geral de cada texto com o tema. Na etapa seletiva, foram destacados objetivos, conceitos, argumentos e conclusões. Na leitura interpretativa, os autores foram comparados entre si, buscando pontos de aproximação, divergências e contribuições para a análise do problema.

As metodologias presentes nos estudos analisados também auxiliaram a estruturação do artigo. As revisões bibliográficas ofereceram suporte conceitual para compreender a relação entre tecnologia e aprendizagem, enquanto estudos com estudantes forneceram elementos sobre usos concretos das ferramentas generativas. Dessa forma, o método adotado permitiu construir uma análise fundamentada, sem produção de dados primários, mas com exame crítico de referências científicas pertinentes ao objeto investigado.

Autonomia intelectual e uso de IA generativa na escrita acadêmica

A autonomia intelectual na escrita acadêmica torna-se eixo de análise diante da difusão da IA generativa, pois a produção textual passa a envolver sistemas capazes de sugerir argumentos, revisar formulações e organizar informações. Arrabal e França (2025) compreendem essas ferramentas como extensão da cognição humana, mas recusam sua função substitutiva. Assim, a autoria científica permanece vinculada à capacidade de selecionar fontes, formular problemas e sustentar inferências próprias.

As ferramentas de IA podem atuar como apoio pedagógico na produção científica ao auxiliar na organização textual, na sistematização inicial de ideias e na revisão da linguagem. Santana et al. (2026) indicam que essas ferramentas podem ampliar as possibilidades de aprendizagem e expressão acadêmica quando utilizadas com critério, responsabilidade e mediação crítica.

Contudo, Costa e Santana (2025) permitem aprofundar essa análise ao destacarem que a tecnologia precisa ser utilizada de modo estruturado, com objetivos específicos de aprendizagem. Nessa perspectiva, a IA pode fortalecer o processo científico quando apoia a autonomia do estudante, mas pode gerar dependência intelectual quando substitui leitura, análise e elaboração própria. Portanto, o uso pedagógico da IA deve formar pesquisadores mais críticos, e não apenas produtores de textos automatizados.

Além disso, Tayar e Batista (2025) relacionam autonomia e participação ativa do estudante no processo educativo. Essa leitura aproxima-se de Arrabal e França (2025), pois ambas recusam a passividade diante da tecnologia. No entanto, Tayar e Batista (2025) deslocam a ênfase para a mediação pedagógica, ao defenderem que a IA somente

favorece a emancipação quando inserida em práticas dialógicas e orientadas por finalidade formativa.

Nesse debate, Junqueira (2025) acrescenta uma dimensão empírica ao examinar estudantes universitários no contexto dos multiletramentos. Sua análise indica que a IA generativa interfere na formação intelectual, sobretudo quando mobiliza escrita, raciocínio, memória, criatividade e autoria. Dessa maneira, a autonomia acadêmica não depende apenas do acesso à ferramenta, mas da capacidade de interpretar, verificar e reelaborar as respostas produzidas por sistemas automatizados.

Por sua vez, Rodrigues e Rodrigues (2023) tratam o *ChatGPT* como desafio para o ensino superior, principalmente pela relação entre plágio, criatividade e desenvolvimento crítico. Essa abordagem dialoga com Junqueira (2025), uma vez que ambos destacam a necessidade de explicitar o uso da IA e preservar a autoria. Entretanto, Rodrigues e Rodrigues (2023) acentuam o limite técnico da ferramenta, cuja produção textual decorre de padrões estatísticos, não de discernimento humano. Tayar e Batista (2025), sintetizam o problema ao afirmarem:

A popularização da inteligência artificial no campo educacional, especialmente após a disponibilização de sistemas como o ChatGPT no final de 2022, trouxe novos desafios e possibilidades para o processo de ensino e aprendizagem (Tayar; Batista, 2025, p. 142).

Diante disso, a escrita acadêmica com IA generativa exige distinguir apoio técnico e delegação intelectual. O apoio ocorre quando a ferramenta auxilia na revisão, na organização preliminar de ideias ou na comparação de formulações. A delegação, por outro lado, instala-se quando o estudante transfere à máquina a responsabilidade pela formulação do problema, pela interpretação das fontes e pela construção argumentativa. Essa distinção preserva a autoria.

Nessa perspectiva, Arrabal e França (2025) indicam que o uso produtivo da IA depende da maturidade do usuário para formular perguntas adequadas. O argumento dialoga com Junqueira (2025), para quem a formação acadêmica requer verificação, comparação de fontes e declaração do uso tecnológico. Portanto, a competência intelectual não se reduz à operação da ferramenta, mas envolve avaliar pertinência, confiabilidade e limites das respostas obtidas.

Todavia, a IA generativa também pode exercer função pedagógica quando utilizada como instrumento de provocação cognitiva. Arrabal e França (2025) sugerem que a interação com a IA pode estimular questionamentos e ampliar repertórios, desde que orientada por reflexão crítica. Rodrigues e Rodrigues (2023), de modo complementar, associam esse uso à inteligência aumentada, isto é, a uma relação em que a tecnologia amplia possibilidades humanas sem anular a elaboração própria.

Portanto, a IA generativa pode integrar a produção científica como apoio à escrita, à revisão e à organização de informações, desde que subordinada à autoria humana. O diálogo entre Arrabal e França (2025), Tayar e Batista (2025), Junqueira (2025) e Rodrigues e Rodrigues (2023) permite sustentar que a autonomia intelectual depende do modo como a ferramenta é incorporada ao trabalho acadêmico, preservando problematização, autoria e julgamento crítico.

IA como apoio pedagógico: mediação docente, aprendizagem crítica e limites do uso automatizado

A incorporação da IA generativa às práticas educacionais exige análise que ultrapasse sua função técnica. Arrabal e França (2025) indicam que essas ferramentas podem auxiliar a busca de informações, a elaboração de conteúdos e a compreensão de conceitos, desde que submetidas à avaliação humana. Assim, a IA não deve ser tomada como fonte autônoma de conhecimento, mas como recurso dependente de interpretação, verificação e finalidade pedagógica.

Além disso, Tayar e Batista (2025) sustentam que a efetividade da IA na educação depende da intenção pedagógica que orienta sua aplicação. Essa posição aproxima-se de Arrabal e França (2025), pois ambos recusam o uso automatizado como substituto da elaboração intelectual. Entretanto, Tayar e Batista (2025) atribuem maior ênfase à formação docente, compreendida como condição para impedir que a tecnologia reproduza modelos passivos de ensino.

Nesse debate, Junqueira (2025) acrescenta uma contribuição relevante ao examinar o uso da IA generativa por estudantes universitários. O autor demonstra que a ferramenta pode integrar atividades planejadas, desde que os discentes sejam orientados a avaliar confiabilidade, pertinência e consequências éticas das respostas recebidas. Dessa forma, a IA deixa de ser apenas meio de execução de tarefas e passa a compor uma experiência formativa de análise crítica.

Por sua vez, Rodrigues e Rodrigues (2023) tratam o *ChatGPT* como desafio para o ensino superior, pois sua presença requer compreensão dos limites da tecnologia. Em oposição a uma postura apenas proibitiva, as autoras defendem sua apropriação crítica no espaço acadêmico. A ferramenta pode recriar textos e organizar dados, mas não substitui discernimento, contextualização e responsabilidade humana na produção do conhecimento. Rodrigues e Rodrigues (2023), delimitam esse ponto ao afirmarem:

O ChatGPT e os demais programas similares, são protótipos funcionais que anunciam o potencial para o trabalho docente. São tecnologias que devem ser conhecidas e apropriadas por alunos, professores e escolas (Rodrigues; Rodrigues, 2023, p. 7).

Dessa maneira, a IA como apoio pedagógico exige distinguir mediação e automatização. A mediação ocorre quando docentes orientam o uso da ferramenta para pesquisa, comparação de fontes, formulação de perguntas e revisão crítica das respostas. A automatização, em sentido oposto, aparece quando estudantes recebem conteúdos prontos sem exame conceitual. Essa diferença define se a tecnologia favorece aprendizagem ou reforça dependência operacional.

Em continuidade, Arrabal e França (2025) associam o uso da IA à ampliação das capacidades humanas quando inserida em processos de cognição distribuída. Essa compreensão dialoga com Junqueira (2025), sobretudo quando o autor defende ações educacionais voltadas ao uso responsável da IA generativa. Todavia, tal ampliação não resulta do simples acesso à ferramenta, mas da capacidade de formular problemas, testar respostas e reconhecer limites técnicos e éticos.

Ainda assim, a mediação docente não deve ser confundida com controle externo da atividade discente. Em Tayar e Batista (2025), a aprendizagem crítica exige participação ativa de professores e estudantes na construção do saber. Essa posição relaciona-se à defesa de Rodrigues e Rodrigues (2023) sobre a necessidade de apropriação acadêmica das tecnologias. Ensinar com IA, portanto, implica formar sujeitos capazes de interrogar a ferramenta, e não apenas utilizá-la.

Portanto, a IA generativa pode atuar como apoio pedagógico quando articulada à mediação docente, à análise crítica e à finalidade formativa. A questão central não está apenas na presença da tecnologia em sala de aula ou na produção acadêmica, mas no modo como ela é incorporada ao ensino. Seu valor educacional depende da autoria, da problematização e da participação ativa dos estudantes.

Riscos de dependência intelectual no uso de ia por estudantes universitários

Os riscos de dependência intelectual no uso de IA por estudantes universitários relacionam-se à substituição gradual da elaboração própria por respostas automatizadas. Arrabal e França (2025) indicam que o uso sem reflexão pode comprometer a autonomia e reduzir o exercício do pensamento crítico. Nessa perspectiva, a ferramenta deixa de atuar como apoio à aprendizagem quando passa a orientar decisões, interpretações e formulações sem análise do estudante.

Além disso, Tayar e Batista (2025) observam que a IA pode reforçar práticas pedagógicas mecanicistas quando incorporada sem mediação crítica. Essa leitura aproxima-se da posição de Arrabal e França (2025), pois ambas destacam o risco de passividade diante da tecnologia. No entanto, Tayar e Batista (2025) situam o problema no campo pedagógico, ao mostrar que respostas prontas podem limitar a participação ativa dos educandos na construção do conhecimento.

Nesse contexto, Junqueira (2025) acrescenta que os benefícios da IA generativa para a aprendizagem universitária devem ser avaliados com cautela. O autor identifica fragilidades em pesquisas que atribuem ganhos formativos imediatos ao uso dessas ferramentas. Assim, o problema não se restringe à presença da IA, mas ao modo como ela pode simplificar tarefas, reduzir oportunidades de raciocínio e enfraquecer a agência estudantil.

Por outro lado, Rodrigues e Rodrigues (2023) analisam o *ChatGPT* como desafio para a educação superior, sobretudo em razão de questões como plágio, criatividade e desenvolvimento crítico. A aproximação com Junqueira (2025) ocorre na preocupação com a formação acadêmica. Entretanto, Rodrigues e Rodrigues (2023) enfatizam que a ferramenta opera por padrões textuais e combinações estatísticas, o que exige cuidado diante da aceitação imediata de seus resultados. Junqueira (2025) apresenta esse risco ao registrar a percepção dos estudantes sobre o uso inadequado da IA:

Isso resulta no usuário querendo que a IA realize a maior parte do trabalho por ele. Ainda no exemplo do estudante que vai apresentar um seminário, a maioria dos estudantes vai pedir para a IA tanto fazer o slide, como fazer a pesquisa (Junqueira, 2025, p. 10).

Dessa forma, a dependência intelectual pode ser compreendida como deslocamento da atividade cognitiva do estudante para sistemas automatizados. Arrabal e França (2025) associam esse processo à delegação de tarefas a sistemas externos, o que pode enfraquecer a resolução independente de problemas. Em termos acadêmicos, esse deslocamento compromete a formulação de hipóteses, a leitura crítica das fontes e a construção argumentativa sustentada.

Ainda assim, a dependência não decorre apenas do uso frequente da IA, mas da ausência de critérios para seu emprego. Tayar e Batista (2025) alertam que a aceitação de respostas automatizadas pode transformar estudantes em receptores de conteúdos prontos. Essa posição dialoga com Rodrigues e Rodrigues (2023), que apontam a necessidade de um olhar crítico e ético sobre a tecnologia, especialmente quando seus resultados não garantem veracidade ou senso comum.

Nessa direção, o risco formativo aumenta quando a IA é tratada como solução automática para demandas acadêmicas. Junqueira (2025) associa esse uso ao comodismo e à perda de oportunidades para desenvolver novos conhecimentos. Já Arrabal e França (2025) indicam que o estudante precisa questionar se alcançaria resultados semelhantes de modo autônomo. Essa pergunta metacognitiva permite diferenciar apoio tecnológico de substituição intelectual.

Portanto, a dependência intelectual no uso de IA por universitários resulta da combinação entre passividade, ausência de mediação e delegação do esforço cognitivo. A ferramenta pode auxiliar a aprendizagem, mas seu uso acrítico tende a reduzir autoria, interpretação e problematização. A formação acadêmica exige que o estudante permaneça

responsável por verificar informações, formular argumentos e sustentar decisões intelectuais próprias.

Resultados e discussões

Os resultados indicam que a IA generativa pode atuar como apoio à produção acadêmica, à organização de informações e à revisão textual, desde que sua utilização permaneça subordinada ao julgamento humano. A principal conclusão do estudo é que a autonomia intelectual não depende da exclusão dessas ferramentas, mas da capacidade de utilizá-las como recurso complementar à leitura, à escrita e à análise crítica. Arrabal e França (2025) sustentam essa interpretação ao associarem o uso da IA à preservação da cognição humana.

Além disso, verificou-se que a mediação docente constitui condição necessária para que a IA não seja reduzida a mecanismo de respostas prontas. Tayar e Batista (2025) demonstram que a efetividade pedagógica da tecnologia depende da intencionalidade de sua aplicação, o que impede sua incorporação acrítica ao ensino. Desse modo, o uso educativo da IA exige planejamento, orientação metodológica e definição clara dos limites entre apoio pedagógico e substituição do esforço intelectual.

Nesse sentido, as descobertas sugerem que a aprendizagem crítica ocorre quando o estudante compara respostas, consulta fontes, identifica inconsistências e assume responsabilidade pelo texto produzido. Junqueira (2025) contribui para essa leitura ao examinar o uso da IA generativa por universitários e indicar a necessidade de ações educacionais voltadas ao uso responsável da tecnologia. Assim, a IA pode favorecer práticas formativas quando integrada a atividades que estimulem verificação, autoria e problematização.

Por outro lado, os resultados também apontam riscos relevantes. O uso automatizado da IA pode enfraquecer a autonomia discente quando o estudante transfere à ferramenta a formulação de argumentos, a interpretação de conteúdos e a construção textual. Rodrigues e Rodrigues (2023) reforçam essa preocupação ao situarem o *ChatGPT* entre os desafios do ensino superior, especialmente em relação a plágio, criatividade e desenvolvimento crítico. Portanto, a facilidade operacional não garante aprendizagem.

As conclusões obtidas aproximam-se das pesquisas que defendem a IA como inteligência aumentada, isto é, como recurso que amplia possibilidades humanas sem substituir o pensamento. Contudo, há contraponto entre os autores quanto ao grau de ênfase atribuído aos riscos. Enquanto Arrabal e França (2025) destacam a metacognição e a autonomia cognitiva, Tayar e Batista (2025) enfatizam a mediação docente e a formação crítica. Já Junqueira (2025) observa a percepção dos estudantes diante da tecnologia.

As limitações das descobertas decorrem do próprio caráter recente da incorporação da IA generativa à educação superior. Junqueira (2025) assinala que ainda há fragilidade em alguns achados sobre seus benefícios para a aprendizagem, o que impede generalizações amplas. Além disso, os estudos analisados concentram-se em discussões teóricas, revisões bibliográficas e sondagens específicas, o que exige cautela na transferência dos resultados para diferentes cursos, instituições e perfis de estudantes.

Outro limite refere-se à dificuldade de medir, com precisão, quando o uso da IA deixa de ser apoio e passa a configurar dependência intelectual. Arrabal e França (2025) indicam que esse problema envolve consciência metacognitiva, ou seja, a capacidade de avaliar os próprios processos de pensamento. Entretanto, essa dimensão nem sempre é observável em produtos finais, como textos acadêmicos, o que demanda métodos capazes de acompanhar o percurso de elaboração do estudante.

Resultados aparentemente inconclusivos podem ser explicados pela ambivalência da própria tecnologia. A mesma ferramenta que favorece revisão, síntese e acesso a informações também pode estimular comodismo, reprodução acrítica e delegação cognitiva. Essa duplicidade aparece em Tayar e Batista (2025), para quem a IA pode favorecer emancipação ou reforçar práticas mecanicistas, conforme o modelo pedagógico adotado. Assim, os efeitos não estão na ferramenta isoladamente, mas nas condições de uso.

Diante disso, recomenda-se que novas pesquisas investiguem práticas concretas de escrita acadêmica com IA generativa, considerando diferentes áreas do conhecimento, níveis de formação e formas de mediação docente. Também se mostra pertinente analisar critérios de autoria, transparência no uso da tecnologia e estratégias de avaliação que valorizem o processo de construção textual. Esses estudos podem contribuir para distinguir apoio pedagógico, uso ético e dependência intelectual na formação universitária.

Conclusão

O estudo demonstrou que o uso de IA generativa na produção acadêmica exigiu critérios pedagógicos, metodológicos e autorais para não comprometer a autonomia intelectual dos estudantes. A análise respondeu à questão norteadora ao indicar que essas ferramentas puderam contribuir para atividades de estudo e elaboração textual, desde que permanecessem subordinadas à verificação humana, à mediação docente e à responsabilidade sobre o conteúdo produzido.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados ao examinar três dimensões centrais: a autonomia intelectual, a função pedagógica da IA e os riscos de dependência cognitiva. Constatou-se que o uso formativo da tecnologia dependeu da capacidade discente de formular perguntas, comparar respostas, consultar fontes e reelaborar informações. Desse

modo, a ferramenta não gerou aprendizagem por si mesma; sua contribuição esteve condicionada ao modo como foi integrada ao processo educativo.

A mediação docente mostrou-se elemento decisivo para orientar o uso acadêmico da IA. Quando houve planejamento, problematização e definição de critérios, a tecnologia pôde favorecer revisão, organização de ideias e análise de informações. Em sentido contrário, a ausência de orientação tendeu a estimular respostas prontas, reprodução textual e redução da participação ativa do estudante.

A dependência intelectual foi identificada como risco associado à transferência de tarefas cognitivas para sistemas automatizados. Esse processo ocorreu quando o estudante deixou de interpretar, decidir e argumentar por conta própria. Nessa condição, o prejuízo não se restringiu ao plágio ou à inadequação formal, pois alcançou a formação do pensamento acadêmico e a capacidade de sustentar posições fundamentadas.

Concluiu-se, portanto, que o uso de IA generativa na formação universitária requer equilíbrio entre apoio tecnológico e preservação da autoria. A ferramenta pode participar do percurso de aprendizagem, mas a definição do problema, a seleção das fontes, a interpretação dos dados e a formulação argumentativa devem permanecer sob responsabilidade humana. Assim, a autonomia intelectual depende menos do acesso à tecnologia e mais da qualidade crítica de sua utilização.

Como lacuna, observou-se a necessidade de pesquisas empíricas que acompanhem o processo de uso da IA em atividades acadêmicas, incluindo a formulação de comandos, a revisão das respostas e a declaração do uso da ferramenta. Estudos futuros também podem analisar práticas avaliativas capazes de distinguir auxílio técnico, autoria efetiva e delegação intelectual.

Referências

ARRABAL, A. K.; FRANÇA, M. E. B. O desafio da autonomia cognitiva humana na era da inteligência artificial. **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 8, p. 142-159, 2025.

COSTA, Sônia Regina Marques da; SANTANA, Aline Abreu. Neurociência e tecnologia: abordagens inovadoras para a melhoria do processo educacional. **Revista Ilustração**, v. 6, n. 3, p. 289-301, 2025.

JUNQUEIRA, E. Inteligência artificial generativa e estudantes universitários no contexto dos multiletramentos. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 9, n. 1, p. 1-17, 2025.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

RODRIGUES, O. S.; RODRIGUES, K. S. A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT. **Texto Livre**, v. 16, e45997, 2023.

SANTANA, A. C. de A.; CAPARROZ, L. H.; SILVA, R. L. da; OLIVEIRA, I. dos S.; SOUZA, T. F. da S.; SOUSA, F. P. de; MANENTI, G.; FREIRE, S. de S. Inteligência artificial na educação contemporânea: apoio, mediação e responsabilidade. **Revista Boletim de Conjuntura**, v. 25, n. 74, p. 1-17, 2026.

TAYAR, I. M.; BATISTA, G. A. Inteligência artificial na educação: entre a opressão e a emancipação na perspectiva da Pedagogia da Autonomia. **Cadernos da FUCAMP**, v. 43, p. 141-152, 2025.